

Meticuloso Artesanato

Aprendemos com a experiência que os homens nunca aprendem nada com a experiência.

– George Bernard Shaw

Em primeiro lugar, registramos um fato que devemos repartir com todos: a revista *Cultura Homeopática* encontra-se já na categoria C no programa Qualis da Capes e foi citada no primeiro número de 2005 como uma iniciativa importante pela revista *Homeopathy*, como os leitores poderão conferir na íntegra no final desta edição. Em segundo, o Congresso Brasileiro de Homeopatia foi bem auspicioso. O inédito foi o ambiente de camaradagem e a fluência dos intercâmbios. O respeito e o esvaziamento do embate doutrinário construíram um novo lugar no qual argumentos e trocas foram bem mais efetivos e produtivos. Não houve consenso algum, tampouco alcançamos a tão desejada unificação de glossários. Houve sim uma percepção razoavelmente generalizada de que a homeopatia avançou, e na direção certa.

A iminência da implementação, ainda que prototípica e experimental, da homeopatia no SUS abre ao mesmo tempo um campo tanto inédito como fronteiro para a área homeopática. Inédito, porque se rompe assim um tabu que bloqueava o avanço institucional. A inserção da homeopatia em redes públicas de saúde atende uma antiga aspiração de Hahnemann e de Mure – para falar apenas em pioneiros próximos – de que a homeopatia fosse de fato uma medicina popular. Popular no sentido de estabelecer certa equidade. Popular porque não se pode esquecer que a homeopatia já foi classificada pelos médicos da corte no Brasil imperial como a “medicina dos escravos”.

Claro que, de outro lado, floresce o medo sobre que tipo de problemas uma implantação horizontal da homeopatia em serviços públicos pode gerar nas três frentes operacionais em que ela se colorará: os usuários, a preparação de recursos humanos e a relação com as outras práticas médicas institucionalizadas. No primeiro caso, campanhas amplas de comunicação dever-se-iam se fazer presentes desde o início. Sugiro irmos além do trivial bê-a-bá, dando perspectivas mais abrangentes do modo de funcionamento da homeopatia. Isso porque a homeopatia já sai em desvantagem, pois sendo por excelência uma prática clínica ampla – que *a priori* não discrimina patologias para tratar – ela não conta com rede de usuários (como as associações de diabéticos, hipertensos, alérgicos etc.) que apóiam e pressionam por iniciativas públicas nas várias especialidades. Ou seja, somos uma especialidade que cuida de um *pool* enorme de doenças e distúrbios, mas como não nos pautamos exclusivamente pela designação patológica para poder tratar, não conseguimos ainda o apoio nem a visibilidade seja das referidas associações, seja da sociedade. Como, então, seria imaginar uma campanha homeopática midiática de saúde? Neste caso, deveremos fazer cartilhas e veicular em rede nacional de TV e rádio o que deve ser observado em um tratamento homeopático, quais são os recursos de que dispomos, porque a homeopatia valoriza o relato de cada paciente e seu excepcional papel como recurso preventivo.

Na questão de recursos humanos falta um debate essencial e, porque não dizer, mais orgânico. Apressamos a explicação: precisamos formar recursos humanos para esta homeopatia que queremos no SUS.¹ Mas não especificamente para ele. Em miúdos, esses homeopatas não se formarão por inércia e certamente precisamos nos preparar para o choque cultural para se, e quando, a implementação vier de forma mais maciça. Não podemos correr o risco de fabricar recursos humanos para atender a demanda por uma ho-

meopatia rápida ou “de resultados”, seja lá o que isto represente. Não importa nem um pouco se tal fato poderia ser usado como uma espécie de capital político para negociar com administradores ou gestores de saúde pública. Fim das filas é decência com os cidadãos. Apenas dever de casa do Estado. Fazer crer que a homeopatia aceita esse encargo é uma estratégia perigosa e arriscada, porque impossível. O que importa é que a homeopatia projetou-se como uma medicina de caráter qualitativo, que atende sujeitos. É preciso enfatizar que a homeopatia como medicina do sujeito já vem assumindo esse papel. E ele é distinto entre as várias outras formas de medicina ao atender a integralidade das questões ligadas à saúde, entendendo-a como um conjunto complexo que está para bem além da patologia. Foi assim que a homeopatia acabou acolhendo uma diversidade muito ampla de queixas, sensações e perturbações. Trata-se de um elaborado e meticuloso artesanato. Esse espaço é generoso, talvez único, e por isso mesmo importantíssimo. Daí que os homeopatas para o SUS devem ser literalmente os mesmos que passam por processos formativos extensos em acordos que vêm sendo exaustivamente costurados. Não há pragmatismo que possa desregular – sob qualquer pretexto – o que o norte ético-político de gerações empenhadas nisso vêm definindo como uma boa formação homeopática.

Por fim, precisamos formalizar melhor nossas relações com a medicina e com a ciência. E, neste caso, refiro-me aos meios acadêmicos que reconhecem na medicina integrativa um passo para que uma terceira via na saúde inculque novas metas e critérios. Em seu relatório de 2005, a Academia de Ciências Americana² acaba de conchamar profissionais de saúde a se engajar nos projetos compartilhados com técnicas médicas complementares (certamente esse é um nome que não nos faz jus) porque estas trazem em suas plataformas básicas aspectos considerados imprescindíveis. Cito apenas alguns deles mencionados no documento: “encorajam o foco na cura, reconhecem a importância da compaixão e do cuidado, encorajam pacientes a dividir as decisões tomadas em relação às opções terapêuticas e promovem escolhas em cuidados que podem incluir as medicinas complementares e não convencionais”. O que importa neste caso é a qualidade da fonte, assim como os recentes relatórios favoráveis da OMS e da OPAS sobre a diversidade metodológica em técnicas de saúde.

Cada vez mais, vasos comunicantes vêm sendo acalentados nos percursos institucionais e políticos para que haja uma medicina arejada, acima da oposição *similibus – contrarius*. Uma medicina que convenha. O que prova que talvez, tardiamente é verdade, haja maturidade para novas alianças, sem que o essencial da homeopatia se escoe em improvisações e adequações de ocasião. Finalmente o movimento homeopático enxerga que há lutas mais nobres que enfrentar os escandalizados e que os fronts são múltiplos. Se Bachelard estava certo de que “enxergar uma fronteira é já ultrapassá-la”, precisamos atualizá-lo no nosso contexto. Porque eis que a fronteira está bem aqui. A homeopatia não pode perder essa histórica oportunidade. Em matéria de fronteiras – como todos sabemos – ficar parado é retroceder.

1. Cf. Cf. Ministério da Saúde. “Ecos de Brasília: 1º Fórum Nacional de Homeopatia. A homeopatia que queremos implantar no SUS”. Brasília, 2004. Este texto foi o resultado da reunião que agrupou instituições homeopáticas, a comissão de Saúde Pública da AMHB e representantes da Administração Pública em maio de 2004. Ver <http://www.amhb.org.br/nuke/modules.php?name=Comissoes&file=article&sid=208> (último acesso 02/12/2004).
2. Cf. O texto completo no endereço <http://www.nap.edu/books/0309092701/html/>